

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES

2ª SÉRIE

1º BIMESTRE

AUTORIA

CLAUDIA MARCIA BIANCHI VIEIRA DA SILVA

Rio de Janeiro

2013

TEXTO GERADOR I

Considera-se o romance “*A moreninha*”, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1844, o primeiro romance romântico da literatura brasileira. O enredo é o seguinte: três estudantes – August, Leopoldo e Fabrício – passam o dia de Sant’Anna na casa da avó de Filipe, amigo dos três. Augusto aposta que se ficasse apaixonado por uma mulher durante mais de quinze dias, escreveria um livro. Ele acaba conhecendo dona Carolina (*A moreninha*) e se apaixona. Porém, o obstáculo à união dos dois era uma promessa de fidelidade feita por Augusto a uma menina que conhecera há algum tempo e cujo paradeiro e identidade desconhecia. No final dá-se a coincidência que resolve o conflito: a tal menina era a própria *Moreninha*.

A MORENINHA

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... Senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enchem a grande casa, que brilha e mostra em toda parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo sobrepuxa a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

Hábil menina é ela! Nunca seu amor-próprio presidiu com tanto estudo tributo seu toucador e, contudo, dir-se-ia que o gênio da simplicidade a penteava e vestira. Enquanto as outras moças haviam esgotado a paciência de seus cabeleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da Rua do Ouvidor e coberto seus colos com as mais ricas e preciosas jóias, D. Carolina dividiu seus cabelos em duas tranças, que deixou cair pelas costas: não quis ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo colar de esmeraldas; vestiu um finíssimo, mas simples vestido de garça, que até pecava contra a moda reinante, por não ser sobejamente comprido. E vindo assim aparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções.

Porém, se um atento observador a estudasse, descobriria que ela adrede se mostrava assim, para ostentar as longas e ondeadas madeixas negras, em belo contraste com a alvura do seu vestido branco, para mostrar, todo nu, o elevado colo de alabastro, que tanto a aformoseia, e que seu pecado contra a moda reinante não era senão um meio sutil de que aproveitara para deixar ver o pezinho mais bem feito e mais pequeno que se pode imaginar.

Sobre ela estão conversando agora mesmo Fabrício e Leopoldo. Terminam sem dúvida a sua prática. Não importa; vamos ouvi-los.

– Está na verdade encantadora!... Repetiu pela quarta vez aquele.

– Dança com ela? Perguntou Leopoldo.

– Não, já estava engajada para doze quadrilhas.

– Oh! Lá vai ter com ela o nosso Augusto. Vamos apreciá-lo.

Os dois estudantes aproximaram-se de Augusto, que acabava de rogar à linda Moreninha a mercê da terceira quadrilha.

– Leva de tábua, disse Fabrício ao ouvido de Leopoldo... É a mesma que eu lhe havia pedido.

Mas a juvenzinha pensou um momento antes de responder ao pretendente; olhou para Fabrício e com particular mover de lábios pareceu mostrar-se descontente; depois riu-se e respondeu a Augusto:

– Com muito prazer.

– Mas, minha senhora, disse Fabrício, vermelho de despeito e aturdido com um beliscão que lhe dera Leopoldo; há cinco minutos já estava engajada até a duodécima.

– É verdade, tornou D. Carolina; e agora só acabo de ratificar uma promessa: o Sr. Augusto poderá dizer se ontem pediu-me ou não a terceira contradança?

– Juro... Balbuciou Augusto.

– *Basta! Acudiu Fabrício interrompendo-o; é inútil qualquer juramento de homem, depois das palavras de uma senhora.*

Fabrício e Leopoldo retiraram-se; D. Carolina, que tinha iludido o primeiro, vendo brilhar o prazer na face de Augusto, e temendo que daquela ocorrência tirasse este alguma explicação lisonjeira demais, quis aplicar um corretivo e, erguendo-se, tomou o braço de Augusto. Aproveitando o passeio, disse:

– *Agradeço-lhe a condescendência com que ia tomar parte na minha mentira... Foi necessário que eu praticasse assim; quero antes dançar com alguém, do que com aquele seu amigo.*

– *Ofendeu-lhe, minha senhora?*

– *Certo que não, mas... Diz-me coisas que não quero saber.*

– *Então... Que diz ele?...*

– *Fala tantas vezes em amor...*

– *Meu Deus! É um crime que eu tenho estado bem perto de cometer!*

– *Pois bem, foi esta a única razão.*

– *Mas eu temo perder a minha contradição... Alguns momentos mais e eu serei réu como Fabrício.*

– *A culpa será de seus lábios.*

– *Antes dos seus olhos, minha senhora.*

– *Cuidado, Sr. Augusto! lembre-se da contradição!*

– *Pois será preciso dizer que a detesto?...*

– *Basta não dizer que me ama.*

– *É não dizer o que sinto, eu... Não sei mentir.*

- *Ainda há pouco ia jurar falso...*
- *Nas palavras de um anjo ou de uma...*
- *Acabe.*
- *Tentaçõzinha.*
- *Perdeu a terceira contradança.*
- *Misericórdia! Eu não falei em amor! (...)*

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moerninha*. ed. São Paulo, Ática, 1979. p.80-2.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

No texto, predomina a descrição do ambiente social e a maior parte da ação narrada ocorre num baile (num sarau). Explique qual foi a finalidade do autor retratar esse ambiente social.

Habilidade trabalhada

Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.

Resposta comentada

É recomendável explicar sobre o contexto social e cultural da época, falar sobre a vida pequeno-burguesa do século XIX no Rio de Janeiro. Os bailes, naquela época, representavam o eixo da vida social e sentimental. Logo, a principal finalidade do autor era a de refletir os hábitos e costumes e sentimentos daquele tempo.

TEXTO GERADOR II

José de Alencar é o mais importante escritor do Romantismo brasileiro. Suas obras abordavam vários temas da época: indianismo, romance urbano, histórico e regional. Neste romance “*O Guarani*”, vamos compreender melhor algumas características do romance indianista.

O GUARANI

Ali, por entre a folhagem, distinguiram-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas, e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas aspiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor de sangue da vítima.

O índio, sorrindo e molemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgada apareceu na estrada da clareira.(...)

Era uma luta de morte que ia se travar; o índio o sabia, e esperou tranqüilamente, como da primeira vez; a inquietação que sentira um momento de que a prêsa lhe escapasse, desaparecera; estava satisfeito.

Assim, estes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com as suas armas, cada um

com a consciência de sua força e de sua coragem, consideravam-se mutuamente como vítimas que iam ser imoladas.

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma força de elasticidade extraordinária e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortado pelo raio.

Foi cair sobre o índio, apoiado nas largas patas de trás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima, e os dentes prontos para cortar-lhe a jugular.

A velocidade deste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que viram brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a fera tocava o chão com as patas.

Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade.

Como a princípio, o índio tinha dobrado um pouco os joelhos, e segurava na esquerda a longa forquilha, sua única defesa; os olhos sempre fixos magnetizavam o animal. No momento em que o tigre se lançara, curvou-se ainda mais, e fugindo com o corpo apresentou o gancho. A fera, caindo com a força do peso e a ligeireza do pulo, sentiu o forcado cerrar-lhe o colo, e vacilou.

Então o selvagem distendeu-se com a flexibilidade da cascavel ao lançar o bote: fincando os pés e as costas no tronco, arremessou-se e foi cair sobre o ventre da onça, que, subjugada, prostrada de costas, com a cabeça presa no chão pelo gancho, debatia-se contra o seu vencedor, procurando debalde alcançá-lo com as garras.

Esta luta durou minutos; o índio, com os pés apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sobre a forquilha, mantinha assim imóvel a fera, que há pouco corria a mata não encontrando obstáculos à sua passagem.

Quando o animal, quase asfixiado pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistência, o selvagem, segurando sempre a forquilha, meteu a mão debaixo da túnica e tirou uma corda de “ticum” que tinha enrolada à cintura em muitas voltas.

Nas pontas desta corda havia dois laços que ele abriu com os dentes e passou nas patas dianteiras ligando-as fortemente uma à outra; depois fez o mesmo às pernas, e acabou por amarrar as duas mandíbulas, de modo que a onça não pudesse abrir a boca.

Feito isto, correu a um pequeno arroio que passava perto; e enchendo de água uma folha de cajueiro bravo, que tornou côva, veio borrifar a cabeça da fera. Pouco a pouco o animal ia tornando a si; e o seu vencedor aproveitava este tempo para reforçar os laços que a prendiam, e contra os quais toda a força e agilidade do tigre seriam impotentes.

José de Alencar (José Martiniano de Alencar) - O GUARANI.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Na obra “*O guarani*”, José de Alencar transforma o índio em herói romântico. De que maneira o autor cria essa imagem do índio e para qual finalidade?

Habilidade trabalhada

Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto social da época.

Resposta comentada

É importante relembrar com os alunos as principais características do romantismo, entre eles enfatizar o sentimentalismo e subjetivismo acentuado e a natureza idealizada que interfere no comportamento das personagens.

Alencar desenvolve a imagem do índio como nosso antepassado heroico, equivalente americano dos nobres cavaleiros medievais. Nesse romance, o índio Peri é idealizado e transformado em herói romântico, cujo comportamento é determinado pelo amor que sente por Cecília. O autor assim vai criando em seus romances indianistas, uma imagem gloriosa do povo indígena, reforçando a valorização da nacionalidade brasileira.

RESULTADOS

- Em sala, infelizmente o tempo foi muito corrido e curto para uma melhor aplicação do Roteiro de Atividades, Mas no geral, o rendimento foi bom, e as avaliações ocorreram durante a aplicação das atividades.
- Poucas adaptações ou quase nenhuma foram necessárias, pois com explicações e dinâmicas os alunos foram alcançando os resultados esperados.
- As orientações aqui sugeridas ajudaram muito. O acompanhamento de colegas nos fóruns, as fontes de consulta e orientações do tutor.

Enfim creio que os resultados foram positivos e os objetivos alcançados.